

UM SÓ DEUS, VÁRIAS TEOLOGIA*

SOUZA, Ney de**

Este estudo apresenta a evolução da reflexão teológica no Brasil contemporâneo. Um só Deus em discursos diferenciados: um aliado aos interesses políticos e institucionais da hierarquia eclesiástica e o outro na ótica dos empobrecidos da América Latina, do Brasil. Uma pesquisa histórica sobre o fazer teológico, ou seja, o discurso sobre Deus na história revela facetas peculiares de teólogos preocupados com argumentos celestes tridentinos muito espiritual-temporal, mas também traz a luz outros teólogos e outra teologia, com preocupação temporal-espiritual. Ao viajar por esta síntese que é este texto se poderão visualizar as contradições deste emaranhado e colorido tecido da instituição religiosa, suas posturas e escolhas, suas legitimações e contestações de uma ordem política estabelecida.

Escrever Teologia Católica do Brasil: tarefa situada

O historiador da teologia não realiza uma tarefa inocente, neutra ou imparcial. Escrever história da teologia, das instituições, do pensamento cristão leva o pesquisador a realizar seleções, é sua responsabilidade a escolha de fontes e mediações. É sempre fato realizado a partir de determinado momento histórico. Cada momento histórico cria, com suas peculiaridades características, uma perspectiva histórico-concreta sobre a realidade: suscita problemas, destaca aspectos, propõe categorias interpretativas, aponta facetas e produz instrumentos intelectuais. Escrevia Benedetto Croce que *toda história é história contemporânea*, daí toda teologia é também contemporânea. O historiador da teologia vê o passado a partir da sua perspectiva presente, a partir da experiência específica de sua contemporaneidade. Muito difícil o historiador escapar dos condicionamentos de seu tempo. Quando o escapa, apenas o faz parcialmente.

Escrever história da teologia é também uma tarefa que se realiza em e a partir de uma posição social específica em conflito com outras. Nenhum historiador da teologia é um anjo que está acima de sua época e sociedade. E, como membro de um grupo social específico, em conflito com outros, sofre pressões e influências, partilha certos interesses e

* Este texto é parte da pesquisa *História da Teologia Católica no Brasil* realizada pelo autor no Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC SP.

** Doutor em História eclesiástica pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Registro USP, História Social. Professor na graduação e pós-graduação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC SP. nsouza@pucsp.br

não outros considera determinadas situações como normais e outras como aberrantes, considera certas alternativas desejáveis e outras repugnantes; como afirmava Aristóteles do ser humano em geral, também o historiador da teologia é um *homem político*. O próprio conhecimento da história da teologia pode contribuir para que o historiador suspeite, descubra, relacione, questione, e até modifique e supere parcialmente os condicionamentos que seu trabalho sofre a partir de sua própria condição. Será nesta perspectiva que se inicia este percurso panorâmico pela história da teologia católica no Brasil contemporâneo.

Teologia e a reforma católica (século XIX)

Na segunda metade do século XIX, no Brasil, acontece uma aceleração do movimento de reforma do catolicismo. Neste momento a preocupação por parte da hierárquica era mudar o modelo de Igreja Cristandade para uma tipologia tridentina. Nos trópicos isso já era sinal visível a partir do Sínodo da Bahia de 1707. A intenção era consagrar um catolicismo ligado com Roma, dentro do movimento ultramontano. É necessário recordar que neste período o catolicismo navega no longo e tumultuado pontificado de Pio IX (1846-1878)¹.

A reforma estava dentro de um programa marcadamente clerical. Em primeiro lugar devia-se afirmar a liderança espiritual do clero entre o povo, e em seguida transformar a fé popular em formulas e ritos que tivessem o aval da hierarquia católica².

O Catolicismo foi se reuropeizando, oferecendo às elites conservadoras, colégios católicos onde podiam desfrutar, sem enviar os filhos a Europa, de uma educação européia francesa, italiana ou alemã.

Teologia entre o trono e o altar

Desde os tempos coloniais a aliança entre trono e altar já vinha sendo realizada através do Padroado³. Essa dependência do espiritual ao temporal continuará no Império através de nova concessão de padroado por parte da Santa Sé ao governo imperial. Isso fornecia poderes para as interferências regalistas nos negócios eclesiásticos. O diferencial no período foi à atuação da hierarquia católica que decidiu reagir com energia. O episcopado, com apoio da Santa Sé decide implantar no Brasil a concepção tridentina de Igreja. Em outras

¹ (MARTINA, 1991, p. 17-37); (MONDIN, 1995, 452-472).

² (AZZI, 1985, p. 30-32); (MATOS, 2002, p. 73-104).

³ (SOUZA, 2002, p. 683-694).

palavras, o Estado cuida do corpo, a Igreja zela pela alma. Assim, vai se configurando uma teologia mais do altar, espiritual.

Os prelados passam a defender o seu direito exclusivo de dirigir o catolicismo. Este espírito ultramontano será vivido dentro do Império, regime político que havia recebido da própria Santa Sé o direito de exercer essa função que o episcopado quer garantir para si. Nesta teologia a única possibilidade de salvação esta na Igreja católica e o único que a conduz é seu líder máximo, o papa.

Nessa missão os bispos procuram contar com a colaboração do clero. Por isso, é urgente reformá-lo⁴. É necessário construir seminários, reformar o clero e, este atuando junto á população de fiéis poderá consolidar uma reforma plena deste catolicismo. Tudo segundo o pensamento dos bispos na segunda metade do século XIX. Crescendo o poder espiritual os bispos chegaram a negar a dependência do poder temporal. Essa situação levará ao conhecido conflito que foi a Questão Religiosa (1872-1874), com bispos presos, D. Macedo Costa (Belém do Pará) e D. Vital (Olinda, Pernambuco) e posteriormente anistiados.

O novo clero que desta teologia surgiu manteve-se numa atitude de indiferença com as reivindicações políticas e sociais da população brasileira. Entre 1840 e 1889 é nula a participação do clero nos movimentos abolicionistas. Apesar da situação de descontentamento do espiritual em relação ao temporal, o catolicismo não deixou de ser sustentáculo para o poder temporal no Império.

Com o advento da Republica poucos clérigos procuraram romper a aliança entre o trono e o altar. Um destes foi o padre Julio Maria com suas afiadas palavras,

Nunca maior missão se deparou à Igreja em nosso país. Nunca, porem, o clero brasileiro se mostrou menos disposto e orientado para se elevar às alturas de uma grande e nobre cruzada. Como no mundo inteiro, hoje no Brasil não há, não pode haver senão duas forças a Igreja e o povo. E se uni-las é no mundo o ideal do papa, concorrer para essa união é, no Brasil, o dever dos católicos, principalmente do clero⁵.

Teologia entre a insegurança e a aproximação do regime republicano

O projeto do padre Julio Maria era uma voz que clamava no deserto. O clero estava mais preocupado com a possibilidade de salvar as almas para o céu do que

⁴ (SERBIN, 2008, p. 78- 125).

⁵ (MARIA, 1950, p. 244).

propriamente com a realidade terrena da população brasileira. *O clero não pode nem deve presentemente encastelar-se nos santuários, contemplando de longe o povo, e pensando que fará obra de Deus só com as nossas devoções, as nossas festas e os nossos panegíricos*⁶.

Na realidade o que se firmava era uma teologia espiritual, preocupada em enfatizar dois tipos de atividades no mundo, aquela que é estritamente política e econômica, passageira, e aquela espiritual, de valor eterno. Nesta última se obtém o verdadeiro lucro, o terreno no céu. O único valor, para a teologia, é a salvação eterna. A salvação é fruto dos méritos adquiridos na terra. Nessa teologia tem valor importante à mediação do sacramento da confissão, restabelecendo o equilíbrio para o juízo final.

Essa teologia terá aceitação no mundo urbano, organizado em paróquias e colégios. As missões populares terão um significativo lema, *Salva a tua alma*. A cura de almas é medida pela estatística referente à quantidade de confissões, comunhões, casamentos e batizados celebrados. O ato de contrição é característico desta teologia, ‘pesa-me, Senhor, por ter perdido o céu e merecido o inferno’.

Neste período são introduzidas devoções vindas da Europa, Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, Sagrado Coração de Jesus. Sempre com a finalidade de fortalecer o catolicismo e levar a hierarquia a reconquistar sua influência na sociedade brasileira, especialmente junto ao poder instituído. O pano de fundo dessa religiosidade e teologia é a presença do ultramontanismo, uma influência cada vez maior da Santa Sé sobre a Igreja no Brasil.

Até os anos 20 do século XX o catolicismo no Brasil oscila entre a contestação ao regime republicano e a uma aproximação com o mesmo. Oscar Lustosa ilustra essa lenta aproximação que em seguida se transformará em *aliança*⁷.

Neste período, anos 30, se encontram as raízes da teologia da restauração católica no Brasil. De um lado o cardeal arcebispo do Rio de Janeiro D. Sebastião Leme que, desde 1916 ao ser elevado ao arcebispado de Olinda, lançara uma pastoral programática a respeito da nova orientação que a Igreja no Brasil deveria tomar e, do outro o presidente Getulio Vargas. Ainda em Olinda o prelado afirmava,

Na verdade, os católicos somos a maioria do Brasil, e, no entanto, católicos não são os princípios e os órgãos da nossa vida política. Não é católica a lei que nos rege. Da nossa fé prescindem os depositários da autoridade. Leigas são nossas escolas, leigo o ensino. Na força armada da república, não se cuida de religião. Enfim, na engrenagem do Brasil

⁶ IB. p. 245-246.

⁷ (LUSTOSA, 1991, p. 31-37).

oficial, não vemos uma só manifestação de vida católica. Somo católicos de clausura, a nossa fé se restringe ao encerro do oratório ou à nave das igrejas. Quando fora da portada dos lugares santos tremulam os nossos pendões, é certo que nele não fremem entusiasmos de uma reinvidicação jurada, braçadas de flores é que eles levam em suas dobras perfumadas, não são bandeiras de ação, são vexilos de procissão. O Brasil que aparece, o Brasil nação, esse não é nosso, é da minoria. A nós católicos, apenas dão licença de viver. Que humilhação para nossa fé⁸.

Essa meta de D. Sebastião Leme será atingida na aliança com Getulio Vargas na década de 30. Neste período não nasce uma nova teologia, mas renasce o desejo de uma pratica de cristandade. O pensamento teológico é o mesmo, ou seja, tridentino. Uma sociedade dividia entre o poder temporal e espiritual.

O catolicismo havia perdido espaço na esfera da instituição política na primeira fase do século XX. Ambos, poder espiritual e temporal, sentem a necessidade da aproximação e o selo da aliança. O discurso continuava o mesmo, o catolicismo sempre esteve no bojo da formação da cultura brasileira desde os tempos coloniais. Portanto, era natural esta ligação com o poder civil e o comando espiritual deste Estado. Uma aliança que o poder civil saberá desfrutar muito bem, através da sacralização de atitudes no comando da nação.

Enfatiza-se sempre que o Brasil é a maior nação católica do mundo. No Hino do Congresso Eucarístico de Recife, 1939, os fiéis cantavam com vibração este estribilho composto por D. Aquino Correia,

Creio em ti, hóstia santa, até a morte!

Quem não crê, brasileiro não é!⁹.

O projeto do papa Nicolau V na sua bula *Romanus Pontifex* (1454) de dilatar a fé, uniu-se ao desejo da coroa portuguesa de expandir as fronteiras do império e continuou no século XX no Brasil nesta Cristandade alicerçada na teologia tridentina.

Rumo a uma teologia criativa

Uma das raízes da teologia criativa no Brasil esta justamente na Ação Católica. Este nome com o qual é reconhecida hoje nasceu oficialmente do pontificado de Pio XI em 23 de dezembro de 1922. No Brasil nasce com o mesmo espírito que Pio XI desejava, uma

⁸(Carta pastoral de D. Sebastião Leme arcebispo metropolitano de Olinda, saudando os seus diocesanos. 1916, p. 5, 16-17).

⁹(AZZI, *op.cit.* p. 37).

associação de católicos que a partir do seu próprio ambiente participavam na missão apostólica da Igreja¹⁰.

A concepção teológica da Ação católica consiste em insistir para que os católicos demonstrem também na vida social e no exercício dos cargos públicos suas convicções católicas. A religião, portanto, deve progressivamente sair do interior das igrejas e manifestar-se publicamente, através de congressos eucarísticos e de promoção da páscoa entre as diversas categorias de pessoas. Os membros devem estar comprometidos com a hierarquia no projeto de implantação da sociedade crista.

Nos anos 60 do século XX tem início o movimento por uma renovação da Igreja católica no Brasil. O movimento é liderado pelo laicato da Ação Católica, encontrou adesão parcial do clero e de alguns nomes destacados do episcopado brasileiro. O objetivo do movimento é criar uma igreja identificada com as necessidades e os anseios da população brasileira. O catolicismo assume uma visão crítica diante do governo, disposta a defender os direitos dos empobrecidos pela sociedade.

Neste mesmo período, com a celebração do Concílio Vaticano II (1962-1965) se consolida o pensamento da implantação de um novo modelo eclesial, a Igreja Povo de Deus. Esse modelo tem grande aceitação e supera praticamente a concepção teológica da Neocristandade.

Em 1977 o então bispo auxiliar de São Paulo, D. Celso Queiroz, atualmente bispo emérito de Catanduva-SP, fazia perceber essa mudança de visão teológica no Brasil.

Apesar de certas indecisões e mesmo contradições, os anos 60 e 70 assistiram primeiro à entrada decidida da Igreja no campo social, e depois, uma cada vez mais nítida tomada de posição de solidariedade com os pobres e marginalizados. Uma das conseqüências mais importantes deste fato foi o distanciamento do poder político. Essa é uma realidade, cremos nós, absolutamente nova na história da Igreja do Brasil.

A situação hodierna reflete uma realidade nova, com todas as tensões, hesitações e mesmo contradições de sua novidade. A perplexidade é encontrada seja ao nível do poder político, seja junto à classe média, seja dentro da própria Igreja. A novidade é saudade com entusiasmo por grupos de classe média e alta que tiveram acesso a uma reflexão crítica sobre o papel da Igreja, pela juventude universitária e ligada aos meios de comunicação social, pelos grupos mais secularizados da sociedade, e pelo povo simples que participa das comunidades.

¹⁰ (SOUZA, 2006, p. 39-59).

Parece claro que a Igreja troca progressivamente o papel de partilha do poder político para o ‘bem’ espiritual do povo, pelo papel profético de anúncio das exigências evangélicas na ordem política e denuncia dos conteúdos anticristãos dos modelos sociais¹¹.

Essa nova visão eclesiológica, adotada pela própria hierarquia, paralelamente caminha com uma nova concepção teológica do problema da salvação. Desenvolve-se a partir daí a teologia do Reino de Deus. A mensagem salvífica deve ser atuante sobre a própria realidade do mundo. Vinculada com a teologia do reino e o compromisso com a justiça está a teologia da libertação, teologia criativa e tipicamente latino-americana.

A teologia da libertação que a partir do Vaticano II vem contribuindo de forma pertinente e criativa para a articulação entre fé e vida e para dar consistência e solidez ao compromisso com a justiça social e a construção de uma sociedade justa e fraterna vem enfrentando no século XXI alguns desafios. Sua criação tem se demonstrado cada vez mais repetitiva ou ausente diante dos sofrimentos da gente humilhada do Brasil e da América Latina.

O século XX trouxe um desenvolvimento espantoso à teologia cristã, tanto em relação a novos temas abordados, quanto a métodos inovadores. Recordar-se aqui a Nova Teologia francesa, como as inovações dos teólogos alemães no campo da exegese histórico-crítica e da teologia sistemática. Além disso, surgiram correntes teológicas próprias em outros continentes, como a teologia da libertação, citada anteriormente. Todas estas correntes influenciavam a abertura do catolicismo, o que se conferiu com o Vaticano II e, na América Latina com a segunda Conferência do Episcopado em Medellín. Logo em seguida, no entanto, começou uma nova perseguição a teólogos, como, por exemplo, ao suíço Hans Kung, ao belga (radicado na Holanda) Edward Schillebeeckx e a Leonardo Boff.

Este ensaio temático a partir da ciência histórica pergunta e provoca, no futuro próximo haverá espaço aberto para novos pensamentos, novas idéias, novos métodos teológicos? Nas palavras de um conhecido cardeal brasileiro, D. Aloísio Lorscheider (Fortaleza-CE, Aparecida SP) neste momento estamos, teologicamente, como que parados, passando por uma espécie de desânimo. Os teólogos demonstram um pouco de medo, e esse medo não presta. *Quando os teólogos não querem mais escrever, não tem mais coragem de*

¹¹ (QUEIROZ, 1977, p. 11).

*abrir a boca, então não sairemos do lugar, pois a reflexão estagna... ninguém mais tem coragem de falar. Essa situação tem que mudar e vai mudar*¹².

A teologia criativa da libertação

A teologia da libertação é um complexo teológico que emergiu sob o clima de abertura e renovação teológica originário do Vaticano II (1962-1965), tornando-se uma das maiores novidades teológicas da história da teologia contemporânea em função de seu impacto social e eclesial e de sua originalidade epistemológica: a articulação entre a fé positiva e a vida dos pobres¹³.

Essa típica teologia da América Latina tornou-se uma teologia relevante e pertinente ao empenho pela justiça social e à construção da paz, à formulação de um conjunto teórico de cunho ecológico preocupado com a vida, à elaboração de uma antropologia teológica capaz de explicitar a emergência da nova criação e do ser humano novo. Não é uma teologia que surge por geração espontânea. Tem uma história recente, a história a longo prazo deve remontar até Bartolomeu de las Casas no século XVI.

Os teólogos da segunda metade do século XX começam a redescobrir na Bíblia a fonte de inspiração para efetivamente encarnar-se na vida da população e, em nome deste livro sagrado, lutar pelos seus direitos e por sua dignidade humana. Escreve a esse respeito Leonardo Boff:

O processo de libertação humana é a concretização histórica da libertação de Deus; esta é que, inicialmente, por pura gratuidade e amor, dispõe, excita e ajuda os homens a darem o passo libertador de uma situação inimiga de Deus, ofensiva aos demais irmãos e alienada do mundo. A libertação é humana porque é efetivada pelo homem em sua liberdade; entretanto é Deus quem move e penetra a ação humana de tal forma que a libertação possa ser dita como libertação de Deus. O processo histórico antecipa e prepara a definitiva libertação no Reino; as libertações humanas ganham uma função sacramental; possuem seu peso próprio, mas também sinalizam e antecipatoriamente concretizam o que Deus preparou definitivamente para os homens¹⁴.

É exatamente com a publicação da obra *Teologia de la liberación*, escrita por Gustavo Gutierrez, em 1971 que se tem a gênese deste novo modo de fazer teologia. Uma

¹² (LORSCHIEDER, 2008, p. 90-91).

¹³ (GONÇALVES, 2007, p. 167).

¹⁴ (BOFF, 1976, p. 184).

reviravolta na (s) teologia (s). A obra recolhia, naquele momento, todo o contexto histórico e teológico anterior ao Concílio Vaticano II, a própria teologia conciliar e suas implicações na Conferência de Medellín (1968), e o espírito do binômio opressão-libertação vivido na América Latina, particularmente com o advento da revolução cubana, com o florescimento das diversas guerrilhas lideradas por Che Guevara e com a emergência dos regimes militares e a conseqüente resistência presente nos diferentes movimentos sociais libertadores. O teólogo peruano pretendia articular a salvação com o processo histórico de libertação do ser humano a partir do continente latino-americano. A novidade metodológica da obra reside na articulação da teologia com as ciências sociais, a elaboração dos conceitos fundamentais da teologia da libertação, tudo a partir da libertação dos empobrecidos. Esta formulação não é absolutizada por Gustavo Gutierrez, ele a concebia como uma teologia da necessidade histórica da libertação. É uma teologia que acontece a partir do reverso da história, demonstrando que os empobrecidos têm força histórica libertadora. Uma fé religiosa articulada com os sinais dos tempos, vistos a partir da ótica dos pobres, eis a dimensão política no ato de professar e viver a fé¹⁵.

Nesta mesma linha, o brasileiro Hugo Assmann, discípulo de Johann Baptist Metz, afirmava se essa teologia uma teologia política latino-americana capaz de inserir o político como primado no ato de produzir teologia. O político é uma dimensão emergente da própria realidade histórica da população latino-americana. Para a eficácia da articulação entre fé e política, é necessário formar uma consciência política que dessacralize as instituições, bem como eleve o primado do político a partir das verdadeiras urgências da história medidas pela vida dos empobrecidos. Assmann entende que o primado da práxis histórica de libertação sobre a reflexão teológica requer o uso das ciências humanas antes da palavra propriamente teológica. Contribuir na produção teológica sim, mas a partir de uma teologia comprometida com a libertação dos oprimidos¹⁶.

Com essas duas obras oficializa-se o nascimento da teologia da libertação em sua condição de um novo modo de produção teológica. Seu desenvolvimento passará por diversos intercâmbios com as outras ciências e com os empobrecidos. Também enfrentará desafios e dificuldades por parte da sociedade civil e da própria instituição religiosa católica.

Referências:

¹⁵(GUTIERREZ, p. 1971).

¹⁶(ASSMANN, 1972, p. 22-35).

AZZI, Riolando. A teologia no Brasil. Considerações históricas, in Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. **Historia da Teologia na América Latina**. São Paulo: Paulinas, 1985.

ASSMANN, Hugo. **Teologia desde la praxis de la liberacion**. Salamanca: Sigueme, 1972.

BOFF, Leonardo. **A graça libertadora no mundo**. Petrópolis: Vozes, 1976.

Carta pastoral de D. Sebastião Leme arcebispo metropolitano de Olinda, saudando os seus diocesanos. Petrópolis: Vozes, 1916.

GONÇALVES, P. S. L. Teologia da libertação: um estudo histórico-teológico, in SOUZA, N. **Temas de teologia latino americana**. São Paulo: Paulinas, 2007.

GUTIERREZ, G. **Teologia de la liberacion: perspectives**. Lima: CEP, 1971.

LORSCHIEDER, Aloísio. **Mantenham as lâmpadas acesas**. Revisitando o Caminho, recriando a caminhada. Fortaleza: Universidade Federal do Ceara, 2008.

LUSTOSA, Oscar F. **A Igreja católica no Brasil Republica**. São Paulo: Paulinas, 1991.

MARIA, Julio. **O catolicismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Agir, 1950.

MARTINA, G. **La Chiesa nell'età Del liberalismo**. Brescia: Morcelliana, 1991.

MATOS, Henrique Cristiano José. **Nossa Historia. 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil**. T. 2. São Paulo: Paulinas, 2002.

MONDIN, Battista. **Dizionario enciclopédico dei papi**. Roma: Città Nuova, 1995.

SERBIN, Kenneth P. **Padres, celibato e conflito social**. Uma historia da Igreja Católica no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SOUZA, Ney. Os caminhos do Padroado na evangelização do Brasil, in **REB** 247 (2002) 683-694.

_____. Ação católica, militância leiga no Brasil, in **Revista de cultura Teológica** 55 (2006) 39-59.

QUEIROZ, Antonio Celso. **A Igreja no Brasil**. Rio de Janeiro: CRB, 1977.